

ACTAS DEL XIII CONGRESO INTERNACIONAL ASOCIACIÓN HISPÁNICA DE LITERATURA MEDIEVAL

(Valladolid, 15 a 19 de septiembre de 2009)

IN MEMORIAM
ALAN DEYERMOND

I

Editadas por
José Manuel Fradejas Rueda
Déborah Dietrick Smithbauer
Demetrio Martín Sanz
M^a Jesús Díez Garretas



VALLADOLID
2010

© Asociación Hispánica de Literatura Medieval, 2010

© Los autores, 2010

Reservados los todos derechos. Prohibida la reproducción parcial o total por cualquier medio, salvo para citas, sin permiso escrito de los propietarios del copyright

Publicado por el Ayuntamiento de Valladolid y la Universidad de Valladolid

Ni el Ayuntamiento de Valladolid, ni la Universidad de Valladolid (UVa) ni la Asociación Hispánica de Literatura Medieval (AHLM) ni los editores son responsables de la permanencia, pertinencia o precisión de las URL externas o de terceras personas que se mencionan en esta publicación, ni garantizan que el contenido de tales sitios web es, o será, preciso o pertinente.

Edición realizada dentro del proyecto de investigación VA46A09 financiado por la Junta de Castilla y León.

Ilustración de la cubierta de María Varela

ISBN 978-84-693-8468-8

D.L. VA 951-2010

Impreso en España por
Valladolid Artes Gráficas

A ARGUMENTAÇÃO NO *CUIDAR E SOSPIRAR*

MARIA HELENA MARQUES ANTUNES
Universidade de Lisboa

No *Cuidar e Sospirar*, em muito semelhante aos processos judiciais pela extensão, pelo recurso ao vocabulário do foro jurídico, pelos constantes progressos e retrocessos no tratamento da problemática inicial, que opõe os representantes do cuidar e do suspirar, a argumentação parece reflectir a dificuldade em decidir qual dos dois sintomas do sentimento amoroso representa o maior sofrimento.

O recurso frequente às figuras da repetição, como a anáfora, que tem presença reiterada ao longo da composição, bem como a constante reprodução do modelo retórico –elogio inicial do adversário, argumentos, refutações e conclusões– transmitem ao conjunto um carácter estático e monódico.

A construção do processo argumentativo é curiosa, uma vez que os argumentos invocados por ambos os partidos se anulam com frequência. A oposição morte/vida em torno da qual o cuidar vai desenvolvendo a sua teia argumentativa, tentando conjugá-la com outro par opositivo, cuidar/suspirar, em que o primeiro termo representa a morte e o segundo a vida, faz transparecer o carácter paradoxal do cuidar, que precisa do suspirar para existir. Por outro lado, a associação do cuidar com preocupações de ordem pragmática e a retoma deste mesmo argumento em ligação com o suspirar dissolvem a causa defendida. O próprio recurso às autoridades como forma de sustentar a credibilidade do processo argumentativo dos dois partidos tende, em alguns casos, a subvertê-lo.

Diz Andréa Rocha que

a poesia amorosa do *Cancioneiro* utiliza um léxico extremamente reduzido. [...] Mas essa exiguidade vocabular é compensada pelo seu judicioso emprego – fogo de artifício que até cria a ilusão de uma riqueza maior. Anáforas, antíteses, quiasmos simples e complexos,

epizeuxes e processos fónicos, como aliterações e rimas internas, dão a uma língua pobre à partida uma maleabilidade inesperada.¹

Se, de facto, os recursos estilísticos permitem suprir a “exiguidade vocabular” e também testemunhar a perícia dos poetas, a proliferação no *Cuidar e Sospirar* de tropos de repetição transmite ao texto uma impressão de circularidade.

Assim, o quiasmo que inicia o debate sobre a questão da superioridade, em termos de sofrimento amoroso, do cuidar ou do suspirar pressagia o fechamento do discurso sobre si próprio.

– Vós, senhor Nuno Pereira,
 por quem is assi cuidando
 – Por quem vós is sospirando,
 senhor Jorge da Silveira. (vol. I, vv. 1-4, pág. 13)²

O quiasmo aqui repousa no entrecruzamento no interior da estrofe dos nomes Nuno Pereira / Jorge da Silveira e dos gerúndios cuidando / sospirando, contrapondo o primeiro verso ao último e os dois versos centrais entre si. Este exemplo ilustra a definição que Lausberg dá da figura e que “consiste na posição entrecruzada dos elementos correspondentes, em grupos que entre si, se correspondem, e, deste modo, ele [o quiasmo] é um meio da *dispositio*, que exprime a antítese”³. Estes versos onde o cuidar se opõe antiteticamente ao suspirar e Nuno Pereira a Jorge da Silveira cristalizam a aparente natureza antagónica das duas atitudes perante o amor e, logo, as posições inconciliáveis dos defensores de uma e outra parte, e que o debate vai insistentemente prolongar. A oposição cuidando / sospirando e Nuno Pereira / Jorge da Silveira, que é, aliás, reforçada pelo esquema rimático da estrofe que a reproduz como um eco, anuncia os movimentos pendulares de vaivém, tanto na organização das respostas que obedecem sempre à mesma estrutura – elogio inicial do adversário, argumentos, refutações e conclusão – como no próprio teor da argumentação, uma vez que os intervenientes retomam os argumentos dos adversários para desconstruí-los.

Os versos
 quisestes naquele feito

¹ Andréa Rocha, *Garcia de Resende e o Cancioneiro Geral*, Lisboa, Instituto de Língua e Cultura Portuguesa, 1977, pág. 35.

² As indicações bibliográficas relativas ao *Cancioneiro Geral* serão introduzidas entre parêntesis no corpo do texto e referir-se-ão à edição de Aida Dias (Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990-2003).

³ Heinrich Lausberg, *Elementos de retórica literária*, tradução, prefácio e aditamentos de R.M. Rosado Fernandes (Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987), §. 392, pág. 233.

fazer do torto direito
e a quem tem direito torto. (vol. I, vv. 23-25, pág. 61)

da autoria do Coudel-moor funcionam como um reforço da construção antitética do debate entre o cuidar e o suspirar. O entrelaçamento das sequências “torto direito” e “direito torto” encerra um juízo de valor negativo relativamente aos defensores do cuidar, pois subentende-se que transformaram uma causa injusta numa causa nobre e uma causa nobre numa que o não era. O uso dos verbos “fazer” e “ter” realça o processo de acusação / legitimação pretendido através da figura quiásmica: a primeira forma verbal, “fazer”, denuncia a existência de um processo irregular; a segunda, “tem”, afirma a legitimidade do suspirar.

Como forma de intensificar a antítese, uma vez que a construção entrecruzada permite polarizar a atenção do leitor sobre termos dissemelhantes, o quiasmo imprime na estrutura textual um sistema de relações opostas que assenta na repetitividade do entrelaçamento dos elementos discursivos.

Os poetas também recorrem à distribuição quiásmica para salientar efeitos de equivalência e de sinonímia. Assim, os versos “Cuidados, bravos amores, / amores, bravos cuidados” (vol. I, vv. 26-27, pág.112) instauram uma correspondência entre o cuidado e o sentimento amoroso, sendo que ambos se caracterizam por um grande sofrimento. No mote, surge a mesma estrutura quiásmica com uma variante no entanto. Enquanto no interior da cantiga, tínhamos a seguinte ordem: “Cuidados, bravos amores, / amores, bravos cuidados, / cuidados, olhos quebrados” (vv. 26-28); no início da cantiga, o primeiro verso corresponde ao segundo, o segundo ao primeiro. No terceiro verso, “cuidados” é substituído por “amores” – “amores, olhos quebrados”. Esta diferença salienta a equivalência e a relação sinonímica entre o cuidado, o amor e o sofrimento, a dor. A dupla ocorrência do quiasmo em lugares privilegiados da composição – no início e no final – para além de, como sublinha João Frazão, reforçar “um traço de identidade entre o quiasmo e a cantiga” enquanto “formulações discursivas fechadas sobre si mesmas”⁴, parece participar da circularidade que se observa no *Cuidar e Suspirar*.

Os versos que acabamos de comentar evidenciam ainda um paralelismo sintático baseado no zeugma. A ausência de verbos em

Cuidados, bravos amores,
amores, bravos cuidados,
cuidados, olhos quebrados,
sospiros, raios lançados (vv. 25-29)

⁴ João Frazão, *Entre trovar e turvar. A encenação da escrita e do amor no Cancioneiro Geral*, Lisboa, Editorial Inquérito, 1993, pág. 106.

favorece um encarecimento progressivo do debate que atinge o clímax na estrofe narrativa que antecede a apresentação do processo ao deus de Amor. Margarida Vieira Mendes também comentou essa gradação, dizendo que “o debate não visa o esclarecimento do assunto mas antes o encarecimento da paixão”⁵. A associação da elipse verbal nos versos “todos jejuns, devoções” (pág. 113, v. 4) com o assíndeto em “todos bradam, todos gritam” (v. 6) contribui para realçar a dramatização que se vai construindo. De facto, as figuras elípticas, ao reproduzir, através de um desvio à sintaxe normal, as emoções do discurso oral, reforçam o carácter hiperbólico da contenda. A repetição no início dos versos 3, 4, 6, 7 e 8 do pronome indefinido “todos”, que se refere aos quatro poetas convidados a pronunciarem-se sobre o feito sublinhando a ideia de união, bem como o recurso às formas verbais “bradam”, “gritam” e à expressão tautológica “grandes brados” acentuam a natureza ascensional do pleito.

Combinado com a anáfora, o paralelismo permite aos poetas ampliar o processo de definição do cuidar e do suspirar. Assim, Jorge d’Aguiar, nos versos

Cuidado faz nam dormir,
 cuidado faz não comer,
 cuidado faz nunca rir,
 cuidado ensandicer,
 cuidado nam ter prazer.
 Cuidado dá mil paixões,
 cuidado dá mil cuidados,
 cuidado mil corações,
 cuidado mil namorados
 tem feito desesperados (pág. 31, vv. 1-10),

procura caracterizar o cuidar. Na primeira parte da estrofe, o paralelismo assenta na estrutura negativa “cuidado faz não” ou “cuidado faz nunca”, sendo que o elemento negativo colocado antes da acção que o cuidar impossibilita intensifica o sofrimento que provoca no amante. Os últimos dois versos desta primeira série – “cuidado ensandicer / cuidado nam ter prazer” (vv. 4, 5) – anunciam a segunda parte da estrofe. Enquanto os primeiros versos sublinhavam os aspectos pragmáticos – não dormir, não rir, não comer – das consequências do cuidar, os versos 4 e 5 com a referência ao “ensandicer” e à ausência de prazer remetem para o campo do abstracto. Por meio destes processos repetitivos, Jorge d’Aguiar afirma a superioridade do cuidar, que

⁵ Margarida Vieira Mendes, “O *cuidar* e o *suspirar* na formação da poesia renascentista”, *O Cuidar e o Suspirar*, Fixação do texto, Introdução e Notas por Margarida Vieira Mendes, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos, 1997, págs. 9-51.

impede o bem-estar físico e emocional dos amantes. Na estrofe seguinte, em que contrapõe o suspirar e o cuidar, o paralelismo baseado na estrutura “sospiros sam” instaura uma relação de sentido entre o suspiro e o seu elemento caracterizador. Os verbos “fazer”, “ter” e “dar”, na estrofe anterior, supõem que o cuidado tem na relação amorosa um papel de relevo, alimentando-a, favorecendo o seu crescimento. Já o recurso ao verbo “ser”, que institui uma ligação entre os suspiros e a série de substantivos “testemunhas, pregoeiros, caramunhas”, deixa entrever que, para o poeta, a função do suspirar é evidenciar a dor causada pelo cuidar.

Joam Gomez, procurador de Nuno Pereira, define o cuidado como uma pena que “nunca s’amansa” (pág. 18, v. 19). A associação do quiasmo, da antítese, da disposição intervalada de um verso na forma afirmativa e de um verso na forma negativa à descrição anafórica do cuidar, que se estende por 5 versos, prolonga o seu efeito repetitivo, criando a ilusão de um enriquecimento da definição. A inversão da ordem sintáctica dos versos 15 e 17 – no primeiro caso, surge a sequência complemento directo / verbo (“cuidado paixam ordena”) e no segundo, verbo / complemento directo (“cuidado redobra pena”) – permite reforçar a natureza angustiada do cuidado que a posição do substantivo “pena” em final de verso acentua. Nos dois últimos versos da estrofe, a colocação antitética dos advérbios “nunca” e “sempre” reitera o conceito que o cuidar é uma dor permanente. A definição elaborada por Joam Gomez assemelha-se pela estrutura repetitiva às ladainhas cujas invocações se organizam em torno de uma construção sintáctica imutável.

Recorrendo à repetição do grupo cuidar / cuidado, o Coudel desconstrói a definição elaborada por Joam Gomez. Para além das anáforas que associam o cuidar aos aspectos práticos do quotidiano (“cuidar é lançar em renda, / cuidar é vida tomar”), a presença no verso 4 da *geminatio* e no verso 5 da *redditio* reforçam a equivalência sugerida nos versos anteriores. No verso 4 (“cuidar é sempre cuidar”), a repetição no início e no fim do verso da palavra “cuidar” introduz a noção de que cuidar apenas significa cuidar, o que o advérbio “sempre” acentua. A justaposição dos vocábulos “cuidar, cuidar”, no verso seguinte, associados a “fazenda” traduzem a intenção do poeta em relacionar o cuidado com as preocupações triviais do dia-a-dia. Esta estrofe contém uma evidente finalidade irónica. As excessivas ocorrências de cuidar / cuidado respondendo a série anafórica de Joam Gomez, bem como os processos da *geminatio* “cuidar é sempre cuidar” e da *redditio* “cuidar, cuidar na fazenda”, que reduzem o cuidar a meras preocupações materiais, neutralizam a associação cuidar / dor permanente defendida pelo partido do cuidar.

O voto de Álvaro de Brito em favor do suspirar –

Sogeiçam traz desejar,
desejar daa sentimento,
sentimento faz cuidar,
cuidar causa trabalhar,
trabalhar padecimento,
donde vem com desatento
ũu languido sospirar (pág. 93, vv. 1-7)

– repousa na figura da gradação que consiste em repetir em início de verso o membro que concluiu o verso anterior. Lausberg observa a propósito da *gradatio* que “esta faz que a amplificação apareça, não como um meio estilístico, que depressa se atenua nos seus efeitos, mas sim como uma realidade preponderante da vida, por meio do seu carácter insistente”⁶. Nestes versos, a gradação reforça a argumentação de Álvaro de Brito, na medida em que cada repetição em início de verso dá origem a um novo argumento em favor da sua tese. Este recurso cria também a impressão de uma lógica demonstrativa cujo resultado é a afirmação da superioridade do suspiro. No entanto, o “carácter insistente” da *gradatio* a que se refere Lausberg acentua a circularidade do debate, sendo que, nesta copla, cada verso surge como um eco do verso anterior.

A dialéctica refutativa que caracteriza o *Cuidar e o Sospirar* tem por consequência o retomar quase sistemático dos argumentos do adversário com o intuito de os desconstruir. Assim, o par opositivo vida / morte, cujos membros estão associados ora ao suspirar ora ao cuidar, conforme o partido que o poeta defende, marca presença reiterada ao longo do debate. A primeira intervenção de Jorge da Silveira introduz, para além da associação suspirar / morte, a questão da sua primazia sobre o cuidar. Para o poeta, o facto de o cuidar ser a “causa primeira” constitui uma prova de que este corresponde a uma manifestação ainda imperfeita do amor. Jorge da Silveira acrescenta que só depois de ter vivido a experiência do cuidar é que o seu sofrimento se vai intensificando, passando ao estágio de suspiros. A este primeiro argumento, responde Dom Joam de Meneses recorrendo a duas tácticas diferentes. Num primeiro momento, o poeta riposta dizendo:

E mais ides preguntando
a quem vos nam preguntava
por quem is vós sospirando
é sinal qu'em ir cuidando
muito moor paixam levava. (pág. 17, vv. 11-15)

A contra-argumentação não toma como ponto de partida os argumentos do adversário, mas sim as suas acções. Defendia Jorge da Silveira que cuidar era “causa primeira” e que depois de “ir cuidando”, os seus males iam “dobrando /

⁶ Cfr. Lausberg, §. 257, pág. 171.

tá matar à derradeira” (pág. 13, vv. 10-13). Se este poeta, apesar da sua angústia, ainda consegue sair do seu estado de letargia para falar com quem não desejava falar, é porque a sua paixão não é tão intensa quanto afirma. Dom Joam de Meneses, ao confrontar os argumentos de Jorge da Silveira com a sua atitude inquiridora, pretende demonstrar a incompatibilidade do seu comportamento indagador com a experiência da dor. Num segundo momento, Dom Joam de Meneses anula a argumentação do seu adversário, defendendo que o que para este prova a superioridade do suspirar, isto é, o facto de o cuidar ser “cosa primeira”, é precisamente o que para Dom Joam de Meneses atesta o contrário. Assim, é porque o cuidar é o primeiro sinal da paixão que é mais profundo que o suspirar.

A comparação das respostas que os vários intervenientes vão elaborando ao longo do debate fazem aparecer, para além da rotatividade das razões invocadas para corroborar a sua tese, similitudes no modo como são formuladas. Dom Joam de Meneses, numa cantiga em favor do cuidado, associa-o à doença, ao desespero e à morte:

Cuidar faz adoecer,
cuidado desesperar,
cuidado me faz morrer,
mas porem torno a viver,
como posso sospirar? (pág. 38, vv. 11-15)

A colocação em posição de rima de “adoecer” e “morrer”, por um lado, e de “viver”, por outro, sublinha a relação que os defensores do cuidado estabeleceram ao longo do poema entre a morte e o cuidar. “Adoecer” e “morrer” representam dois estados sucessivos do amante que tem cuidados. Todavia, a oposição rimática “viver” / “morrer” retoma o paradoxo que o partido do cuidar foi construindo. Dom Joam de Meneses, à semelhança de Jorge de Aguiar, que afirma que “assi que cuidado mata / e sospirar aviventa” (pág. 32, vv. 6, 7), alega que o suspirar, correspondendo a um momento de descanso, permite ao amante voltar à vida⁷. Assim, o paradoxo repousa no facto de o cuidar necessitar da intervenção do suspirar, que é “ressurgir / da morte que daa cuidado” (pág. 60, vv. 14, 15), segundo Dom Joam de Meneses, para continuar a morrer de paixão.

Em torno da oposição vida / morte, os versos do Coudel “que vida m’ee ja morrer / e nam por vida viver / com tal mal de sospirar” (pág. 43, vv. 4-6) reafirmam a associação do suspirar à morte. A argumentação assenta, tal como

⁷ Neste sentido são significativos os versos de Nuno Pereira, pois o poeta, associando o cuidar à morte “o cuidado encurta vida” (p. 49, v. 13), refere que os suspiros, pelo contrário, suavizam a dor provocada pelo cuidar.

no caso do cuidar, na premissa de que o amante que suspira já se encontra num estado próximo da morte. Aliás, Pero de Sousa Ribeiro declara que “o triste suspirar / é ofício d’homem morto” (pág. 43, vv. 23, 24). Cuidar e suspirar são então ambos sofrimentos que conduzem à morte, sendo que a tentativa de demonstrar a superioridade de uma destas manifestações da paixão relativamente à outra se dissolve. Quando contrapostos aos versos “Cuidar faz adoecer / cuidado desesperar” (pág. 38, vv. 11 e 12) da cantiga de Dom Joam de Meneses, os versos “Faz m’assi adoecer / contino desesperar” (pág. 43, vv. 2, 3) apresentam com os anteriores semelhanças que acentuam a circularidade dos argumentos evocados por um e outro partido. O próprio Coudel em resposta ao “que diz que os suspiros sam ressurgir da morte que daa cuidado, como foi ja alegado muitas vezes” reconhece que

E assi que suspirar
nam da vida por viver,
mas por mais e mais penar
e sabês que ha trocar
maa vida por bom morrer.
Ja foi isto alegado
e tantas vezes se trouve
que por ser tanto dobrado
ficará enfatiado
o coraçam que o ouve (pág. 75, vv. 14-23).

Como sublinha João Frazão⁸, outro processo argumentativo a que os defensores de ambos os partidos recorrem é a desvirtuação da palavra-chave e a sua re-contextualização em campos negativamente marcados. Nos versos de Francisco da Silveira

Namorado é Palaçano,
Gualite, tambem Jacee,
pois que cuidam todo o anno,
mas cuidam em dar seu pano,
mais do que vaal a la fe.
Cuidam no arrendamento,
quando cuidam d’encampar,
e cuidam qu’ee perdimento,
quando cuidam que por cento
trinta é pouco ganhar. (pág. 66, vv. 25-35)

assistimos a um reinvestimento semântico do cuidar no sentido de o “pragmatizar”, afastando-o da esfera do sentimento amoroso. O mesmo processo argumentativo é utilizado por parte do cuidado para despojar o

⁸ Cfr. João Frazão, p. 47.

suspirar de qualquer conotação amorosa. Assim, diz Dom Joam de Meneses que as senhoras suspiram por

pexegos, por melão,
por peras, figos orjaes,
marmelos, uvas ferraes,
aas vezes por queijo e pam (pág. 37, vv. 23-25).

Neste exemplo, a “pragmatização” do suspirar associa-o à satisfação das necessidades primárias, o que constitui uma desvirtuação total da palavra, provocando uma tensão entre o campo de referência do sofrimento amoroso para o qual o suspirar reenviava e o da materialidade dos apetites para o qual reenvia agora. O recurso ao processo de “pragmatização” pelos defensores de ambos os partidos minimiza, no entanto, os efeitos negativos que o reinvestimento semântico ligado à materialidade e o seu consequente afastamento da esfera da paixão provocaria.

Enquanto parte do processo argumentativo cujo objectivo é conferir credibilidade ao texto dos poetas, o recurso às autoridades, participando da lógica refutativa que caracteriza este debate, funciona, por vezes, como um elemento que provoca uma dissolução da causa. Numa das suas primeiras intervenções, Nuno Pereira, para apoiar a sua tese, segundo a qual a dor do cuidar é tão intensa que conduz à morte, cita o exemplo de amantes famosos da mitologia, da literatura e de trovadores. Não os podendo interrogar directamente, pois já morreram, o poeta imaginou um artifício. A partir de uma construção hipotética “se os que ja sam finados / e que d’amores morreram / podessem ser perguntados” (pág. 20, vv. 21-23), o poeta atribui às autoridades que convocou os seus próprios argumentos, conferindo-lhes maior crédito junto dos seus adversários na contenda. Como forma de dissolver este processo de autorização, o Coudel contesta Nuno Pereira, respondendo:

Vós cunhado, qu’alegastes
Narciso, tambem Mancias,
nam sei u lhe vós achastes
ou como cuidar cuidastes
que fez acabar seus dias. (pág. 27, vv. 19-23)

Indirectamente, o Coudel afirma que Nuno Pereira desvirtua o pensamento das autoridades que invoca, imputando-lhes um discurso que é o seu. Num outro momento, contra-argumentando com Joam Gomez, o Coudel defende que as alegações devem ser sustentadas por citações de *auctoritas*. Assim, o Coudel não reconhece a validade da tese de Joam Gomez porque não citou os “teistos de Joam de Mena, / d’Estunhiga ou Aguilar” (pág. 56, vv. 5-6), poetas que considera como os maiores doutrinadores do amor. Ora, Joam de Mena é um

dos quatro poetas a quem o deus de Amor pede que dê o seu parecer sobre o feito que se vai julgar. O trovador, tal como Macias, Joham Rodrigues de la Camara e Tarquino, pronuncia-se em favor do cuidar, afirmando a sua superioridade sobre o suspirar. O facto de Joam de Mena assumir a defesa do cuidar contra o suspirar compromete em parte o processo argumentativo do Coudel, que constrói a sua fundamentação com base numa autoridade que apoia a tese contrária à sua.

Em conclusão, a lógica refutativa que caracteriza o debate do *Cuidar e Sospirar* contribui para a dissolução da relação antitética cuidar / suspirar. Por um lado, os processos repetitivos tais como os quiasmos, as anáforas, os paralelismos conferem ao debate uma estrutura circular que favorece o fechamento do discurso sobre si próprio. As figuras da repetição funcionam como uma estrutura em eco que vai, ao longo do debate, reforçando os argumentos que vão sendo apresentados. No entanto, os processos da *gradatio* e as figuras elípticas permitem uma dramatização das intervenções, criando assim a ilusão de uma amplificação do debate.

Por outro lado, a oposição morte/vida em torno da qual o cuidar e o suspirar vão trabalhando promove uma dissolução das causas defendidas por um e outro partido. Neste sentido, o recurso a processos argumentativos semelhantes, como o que acabamos de relembrar, e a sistemática refutação das razões adversas acabam por, frequentemente, aniquilar o objecto da querela, demonstrando, *a contrario*, a interdependência do cuidar e do suspirar.